

## **O TRABALHO DOCENTE SOB A PERSPECTIVA DE PROFESSORES SECUNDARISTAS EM FASE DE PRÉ-APOSENTADORIA NA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO RIO DE JANEIRO**

Angela Cristina Fortes Iório  
PUC-Rio  
angelaiorio@bol.com.br

### **RESUMO**

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de doutorado que teve o objetivo de pensar a Aposentadoria Docente e os motivos que mantiveram os professores na rede pública estadual de ensino do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semi-estruturada pensada com o intuito de mergulhar em profundidade nas trajetórias dos sujeitos investigados e nos sentidos imprimidos ao exercício da profissão. Foram entrevistados dezesseis professores, nove homens e sete mulheres, na faixa etária de 50 a 69 anos de idade, todos licenciados, onze possuem com pós-graduação. A maioria tem duas matrículas como servidores públicos e lecionam no ensino médio em colégios estaduais das zonas sul, norte e oeste da cidade do Rio de Janeiro, em bairros distintos. Todos esses professores deram entrada em seus processos de aposentadoria no ano de 2015. Alguns autores se constituíram em interlocutores privilegiados para a análise e interpretação dos dados obtidos: Michaël Huberman, com a discussão sobre os Ciclos de Vida Profissional dos Professores; António Nóvoa, Maurice Tardif e João Formosinho, pela contribuição ao campo da formação, profissionalização e ação docente; Claude Dubar, na compreensão da complexidade da profissão docente. Os dados mapeados evidenciaram que, os professores ingressaram no magistério nas décadas de 80 e 90, em um período pós-ditadura militar, vivenciaram o processo de redemocratização do país, e, portanto, experienciaram gestões públicas de ensino distintas, com políticas educacionais de maior e menor investimento em educação. Em que pese essas vivências, os professores se mantiveram no magistério até a aposentadoria. Todos optaram pela docência como profissão em algum momento de suas vidas e não se arrependem da carreira escolhida. Os docentes têm uma autoimagem professoral positiva e a maioria deles não percebe esse momento como final de carreira. Dentre os elementos motivadores de permanência na

profissão destacam-se a paixão pela disciplina que lecionam e o prazer na relação com o aluno. A competência relacional e a formação são elementos fundamentais dessa trajetória, que para a maioria é bem sucedida. A aposentadoria encerra uma etapa da vida desses professores e abre novos caminhos e novos espaços, quer seja na vida profissional ou pessoal.

**Palavras-chave:** Aposentadoria Docente; Profissionalidade; Professor Secundarista.

## Introdução

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de doutorado, concluída no ano de 2015, com professores secundaristas em fase de pré-aposentadoria que trabalham com turmas de ensino médio regular na rede estadual de ensino do estado do Rio de Janeiro, em colégios estaduais localizados nas zonas sul e oeste, e próximos ao centro do município do Rio de Janeiro.

A investigação teve o objetivo de pensar a Aposentadoria Docente e os motivos que mobilizaram os professores a permanecer atuando em sala de aula durante toda a trajetória profissional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujas entrevistas realizadas com dezesseis professores, nove homens e sete mulheres, na faixa etária de 50 a 69 anos de idade, foram pensadas com o intuito de mergulhar em profundidade nas trajetórias dos sujeitos investigados e nos sentidos imprimidos ao exercício da profissão.

A partir dos relatos dos professores sobre a formação, a trajetória profissional, o sentido da docência, os sentimentos que emergem nesta fase do ciclo profissional (HUBERMAN, 1982), as expectativas de futuro, os rumos da caminhada foram se delineando.

Os professores deram entrada em seus processos de aposentadoria no ano de 2015 e aguardavam em sala de aula o deferimento dos mesmos. Este foi um dos requisitos elencados para participação na pesquisa. A seleção dos sujeitos foi realizada através de contato com o colégio estadual de origem do docente. Os estabelecimentos escolares selecionados fazem parte da Diretoria Regional Metropolitana VI (DRM VI), localizada na zona norte da cidade. Com o intuito de preservar a identidade dos sujeitos não especifiquei o bairro onde está localizado o colégio estadual, mas a região onde se situa.

A centralidade somente nesta Diretoria Regional se deve, sobretudo, a extensão em termos de bairros<sup>1</sup> que são atendidos por ela no Rio de Janeiro e pelo fato de trabalhar vinculada a mesma. É considerada uma das metropolitanas de maior abrangência pelo número de escolas públicas<sup>2</sup> e privadas, de recursos humanos e, também, de alunos matriculados.

O contato interpessoal com o professor, realizado pelas visitas às unidades escolares, facilitou a marcação das entrevistas. Ao conversar com o professor e apresentar a pesquisa, percebi na maioria deles a disposição para falar sobre o magistério e a carreira que construíram.

Alguns autores se constituíram em interlocutores privilegiados para a análise e interpretação dos dados obtidos: Michaël Huberman, com a discussão sobre os Ciclos de Vida Profissional dos Professores; António Nóvoa, Maurice Tardif e João Formosinho, pela contribuição ao campo da formação, profissionalização e ação docente; Claude Dubar, na compreensão da complexidade da profissão docente.

Os dados mapeados evidenciaram que, os professores ingressaram no magistério nas décadas de 80 e 90, em um período pós-ditadura militar, vivenciaram o processo de redemocratização do país, e, portanto, experienciaram gestões públicas de ensino distintas, com políticas educacionais de maior e menor investimento em educação. Em que pesem essas vivências, os professores se mantiveram no magistério até a aposentadoria. Todos optaram pela docência como profissão em algum momento de suas vidas e não se arrependem da carreira escolhida.

### **Uma breve apresentação dos colégios estaduais**

Com relação aos colégios estaduais, todos apresentam boa estrutura física e organizacional, têm boas condições de limpeza, com o mobiliário em condições de uso, salas refrigeradas, enfim, com infraestrutura adequada ao funcionamento.

---

<sup>1</sup> Os colégios estaduais atendidos por esta regional estão localizados nos seguintes bairros: Alto da Boa Vista, Andaraí, Barra da Tijuca, Benfica, Botafogo, Caju, Catete, Catumbi, Castelo, Centro, Cidade Nova, Copacabana, Cosme Velho, Engenho Novo, Estácio de Sá, Fátima, Flamengo, Gamboa, Gávea, Glória, Grajaú, Grumari, Humaitá, Ilha de Paqueta, Ipanema, Itanhangá, Jacaré, Jacarepaguá, Jardim Botânico, Joá, Lagoa, Lapa, Laranjeiras, Leblon, Leme, Mangueira, Manguinhos, Maracanã, Praça da Bandeira, Praça Mauá, Recreio dos Bandeirantes, Rio Comprido, Rocha, Rocinha, Sampaio, Santa Teresa, Santo Cristo, São Conrado, São Cristóvão, São Francisco Xavier, Saúde, Tijuca, Triagem, Urca, Vargem Grande, Vargem Pequena, Vasco da Gama, Vidigal, Vila Isabel.

<sup>2</sup> Atende 84 escolas públicas, de acordo com os dados do Relatório de Governança do Governo do Estado do Rio de Janeiro (2015).

A maioria dos colégios funciona em três turnos (manhã, tarde e noite), mas todos os professores entrevistados lecionam somente nos turnos da manhã e/ou da tarde. Trabalham dois ou três dias na semana na rede estadual, dependendo do fato de ter uma ou duas matrículas.

Na zona sul, um dos colégios tem 62 anos de existência, é uma instituição de grande porte, tradicional no bairro, na década de 60 foi considerada uma escola de vanguarda pelo trabalho realizado por professores e gestores.

Na zona oeste, um dos colégios, também de grande porte, fundado em 1962, é uma referência no bairro pela qualidade do ensino. Esse colégio no final da década de 60 oferecia gratuitamente o curso de pré-vestibular para os alunos de baixa renda da região, uma iniciativa de vanguarda no período.

Outro colégio estadual localizado na zona oeste, nas imediações de Jacarepaguá, passou recentemente por reformas, incluindo a manutenção dos prédios, a troca de todo o mobiliário e a ampliação da biblioteca.

### **Os sujeitos da pesquisa: professores pré-aposentados**

A investigação incidiu sobre professores licenciados, portanto “*especialistas*” (GATTI, 2010). Para fins desta investigação, estou denominando “*especialista*” (*op. Cit*) o professor que leciona os conteúdos específicos de suas disciplinas – educação física, geografia, história, língua portuguesa, matemática, química, física, etc., portanto diferentes dos professores *generalistas* (FORMOSINHO, 2009) ou professores *polivalentes* (GATTI, 2010). Em oposição, ainda, aos pedagogos com habilitação em orientação educacional, supervisão educacional, coordenação pedagógica que também são denominados, muitas vezes, de professor especialista.

Todos os docentes possuem o curso de licenciatura plena em sua área de formação, onze possuem ainda pós-graduação *Lato Sensu* e uma professora o curso de mestrado. Treze professores concluíram sua formação em universidades públicas de prestígio social e acadêmico (USP, UFRJ, UERJ, UFF, UFMG). Alguns professores ingressaram no magistério logo após a formação nas décadas de 70, 80 e 90. Outros exerceram outros ofícios e optaram pela profissão docente mais tardiamente.

Em relação ao tempo de magistério são distintos, alguns professores têm mais de 35 anos de carreira, outros 20 anos ou mais, e, ainda, temos os professores com mais de

10 anos de exercício docente que estão se afastando da rede estadual de ensino pela aposentadoria compulsória, pois completam 70 anos de idade em 2015. Estes últimos concluíram o curso superior em engenharia (química e elétrica) na década de 70 e exerceram a profissão até a aposentadoria, em seguida, após concluir o curso de licenciatura, prestaram concurso para rede estadual de ensino e ingressaram no magistério.

Com exceção de uma professora que prestou concurso para Língua Inglesa (Inglês) no ano de 1994 com a carga horária de 40 horas, todos os demais são Professores 16 horas. A maioria possui duas matrículas no serviço público (estado e/ou município) e aguarda o deferimento do processo de aposentadoria no ano de 2015. Nove docentes já são aposentados de outros órgãos onde exerceram funções no magistério ou em outros campos profissionais. A maioria dos sujeitos reside próximo ao colégio onde leciona.

5

### **As singularidades de cada percurso**

Com relação aos sujeitos desta investigação, existem aspectos que os distanciam e que os aproximam, tanto na vida pessoal como na trajetória profissional, pois se trata de um grupo bastante heterogêneo. A aproximação se deve, em especial, pela escolha do magistério como profissão, pela permanência no ofício, por serem e estarem professores; e, as diferenças concentram-se, basicamente, nos aspectos pessoais e socioeconômicos, mas, sobretudo, na forma de entrada na profissão e na trajetória profissional construída.

O magistério não se constituiu com o ingresso inicial no mundo do trabalho para todos os professores. Alguns construíram uma carreira em outros campos profissionais e iniciaram suas trajetórias como docentes, em algum momento da vida, por opção e determinação.

Um pequeno recorte da trajetória de cada professor será descrito com o objetivo de aproximar o leitor de suas narrativas. A história da vida desses professores, mesmo os que iniciaram em outros campos profissionais, é perpassada pela vontade de exercer o magistério, seja por um desejo nutrido desde a infância, seja por construírem durante suas trajetórias esse novo caminho profissional.

*Lúcia (69 anos) começou sua trajetória nos anos 60 como professora alfabetizadora, como disse na entrevista, assumia as turmas na alfabetização e acompanhava a turma até o final dos anos iniciais. Apaixonada por geografia, curso que demorou a cursar por ter de cuidar dos pais e ajudar na renda familiar, iniciou a*

formação no início da década de 80, quando ingressou na rede estadual, está trabalhando no mesmo colégio estadual desde 1984, onde leciona com as duas matrículas do estado.

**Antônia (67 anos)** ao terminar a formação em matemática no início da década de 70, disciplina com a qual, segundo ela, sempre se identificou desde o início da escolaridade, começou a dar aula no estado. Lecionou muitos anos em escolas privadas de prestígio. Leciona no mesmo colégio onde estudou na infância ao chegar de Portugal com os pais fugindo da guerra, onde ingressou há quarenta e um anos, e permanece atuando na segunda matrícula, sempre lecionou com as duas matrículas no mesmo colégio estadual na zona sul do Rio de Janeiro.

**Junior (69 anos)**, estudante de escolas públicas, foi cursar engenharia, como afirmou, pela afinidade com a matemática, foi construindo ao longo da sua carreira de engenheiro elétrico o gosto pelo magistério, durante vários anos acumulava as funções de engenheiro e professor de matemática (explicador). Ao se aposentar, resolveu fazer a licenciatura em matemática e ingressou no estado, onde construiu a carreira docente. Como ele disse, decidiu ser professor por vontade própria, por livre escolha e hoje sua profissão é Professor.

**Rafael (56 anos)** foi cursar educação física com o objetivo de ser professor da rede pública, enfatizou ser esse o lócus privilegiado para exercer plenamente o seu ofício com autonomia e reflexividade. Participa, com frequência, de atividades de formação continuada, tem três cursos de pós-graduação na área da educação. Enfatizou que, sempre adequou suas aulas à realidade de cada aluno e, atualmente, atua como gestor em uma das matrículas da rede estadual de ensino.

**Renato (57 anos)** também foi fazer o curso de educação física para trabalhar em escola, nunca quis exercer o ofício em academia de ginástica, segundo ele, o objetivo do seu trabalho é o desenvolvimento do aluno em várias dimensões não só física. É outro professor que enfatizou a importância de construir junto com o aluno a aprendizagem de valores humanos necessários à convivência social. Foi crítico em relação às políticas educacionais, mas parece focado e determinado em relação à atividade docente.

**Manoel (60 anos)** ingressou no magistério após outras experiências profissionais. Segundo ele, se encontrou na profissão e procura estabelecer uma relação de amizade e carinho com os alunos. Disse que, desenvolveu o gosto pela sala de aula em virtude da sua paixão pela matemática, falou com muita alegria da sua pós-graduação e do trabalho que desenvolveu em sua monografia para facilitar o aprendizado da matemática. Além do trabalho nas redes estadual e municipal, ele, nas horas vagas, trabalha como explicador de matemática para os vizinhos do prédio onde mora.

**Agostinho (64 anos)** fez sua primeira formação em serviço social, trabalhava nesta área, mas, como ele afirmou, se sentia frustrado, até que resolveu fazer as licenciaturas (História e Sociologia) e ingressar no magistério. Por alguns anos se manteve atuando em duas profissões distintas, mas é no magistério que está sua realização profissional, falando de história e contando histórias, como ele mesmo quis enfatizar. Como fez questão de relatar, gosta de falar para os alunos que eles são a história viva, suas aulas são contextualizadas e nada factuais.

**Virginia (56 anos)** disse que escolheu a matemática como formação para ser professora no ensino médio, como declarou, esse sempre foi seu objetivo na vida. Começou no início da década de 80, logo após a formação no curso normal dando aulas na rede municipal, sempre quis trabalhar na rede pública, por acreditar na qualidade do

trabalho. Em suas aulas, como disse, sempre “volta” na matéria quantas vezes for necessário para fazer o aluno aprender. Ela salientou que, tem carinho por suas turmas, e chora a cada aprovação do aluno no ENEM, essa é a realização do seu trabalho.

**Luiz (57 anos)** foi fazer licenciatura em História para ingressar no magistério, na rede pública, começou em colégios da Baixada Fluminense dando aula nos cursos de Formação de Professores. Como fez questão de esclarecer, a ênfase das suas aulas está na desconstrução de distorções históricas propagadas durante décadas nos livros didáticos, trabalha com oficinas e com projetos. Como ressaltou em sua fala, gosta de promover debates sobre temas geradores de exclusão social e preconceito. Parece ser comprometido politicamente e tem atuação sindical. Para ele, o professor tem que ser um instrumento de transformação social.

**Carmen (50 anos)** disse que leciona espanhol por gostar muito da língua, é espanhola e veio para o Brasil com 10 anos de idade, construiu sua carreira no magistério e trabalha no mesmo colégio desde 1990. Como afirmou, é uma professora exigente com os alunos e criteriosa com relação à prática, já teve oportunidade de largar o magistério para trabalhar em companhia aérea, mas não quis. O magistério é fonte de realização pessoal, fez questão de afirmar que tudo que ela tem deve ao magistério.

**Eduardo (69 anos)** deixou transparecer em seu relato que era um aluno engajado politicamente na época que estudava ciências sociais, participou da criação do SEPE, seu interesse com a formação era trabalhar em escola pública. Assim como outros professores, ele migrou de outro campo de atuação profissional para ingressar no magistério que era seu objetivo de vida. Como salientou na entrevista, teve o apoio da esposa quando pediu exoneração do judiciário para seguir a carreira docente, tem excelente relação com os alunos, e uma relação de paixão pela sala de aula.

**Janaina (54 anos)** ressaltou em seu relato que, foi fazer o curso de letras para ingressar no magistério, profissão que sonhou desde menina, mas que, por circunstâncias da vida, se desviou do caminho e exerceu outro ofício, no qual tinha ótimas condições de trabalho e renda, mas embora todos os benefícios se sentia frustrada. Como ela declarou, a insatisfação a mobilizou a pedir demissão, prestar concurso para a rede estadual e ingressar na carreira docente, trabalha 56 horas no mesmo colégio com as duas matrículas. Disse ser realizada com a profissão.

**Helena (57 anos)** trabalha no mesmo colégio há vinte e quatro (24) anos. Segundo ela, a paixão pela geografia, sua disciplina, é que despertou o gosto pelo magistério. Salientou que, as suas aulas são contextualizadas e procura dialogar com a situação social do aluno. Enfatizou a importância do comprometimento e parceria dos professores e gestores do colégio estadual para o sucesso dos alunos e a excelência do trabalho realizado na unidade escolar.

**Francisco (69 anos)** trabalhou no Piauí durante muito tempo em outra profissão, mas enfatizou que a paixão pela língua portuguesa e seu aprendizado com os macetes que construiu como autodidata, como se definiu, desenvolveram o desejo em se tornar professor e ensinar o aluno com o método que ele criou. Com orgulho falou da sua influência e estímulo no aprendizado do aluno, e, também, no incentivo para que permaneçam estudando e se inscrevam em concursos públicos.

**Maria (68 anos)** ingressou no magistério com professora dos anos iniciais rede municipal de São Paulo na década de 70. Ela salientou que, sempre trabalhou em escolas da periferia paulistana com alunos de baixa renda e acredita no ensino mais conteudista.

*Durante a entrevista fez críticas à política educacional do estado do Rio de Janeiro, mas elogiou muito os alunos e os gestores do colégio onde leciona na zona sul. Escolheu o magistério como profissão e não se arrepende da escolha, mas como definiu, é o momento de parar.*

*Augusto (69 anos) ingressou no magistério após se aposentar de outra carreira, da qual nunca se afastou, ainda presta consultoria para empresas. Como afirmou durante a entrevista, escolheu o magistério com o objetivo de ensinar química, matéria que o mobilizou a ingressar no curso de engenharia. Para ele, o magistério teve o objetivo de estimular o aluno a buscar a engenharia química como profissão. Ainda se identifica como engenheiro químico.*

A partir desse breve resumo sobre as trajetórias profissionais dos sujeitos investigados, é possível perceber as singularidades de cada percurso.

### **Os Encantos e Desencantos na profissão**

Para fins deste estudo, foram utilizadas as palavras *Encanto e Desencanto*. *Encanto*<sup>3</sup>, como algo que delicia, enleva, agrada, que gera contentamento e prazer; e *Desencanto*, na perspectiva da decepção, da desilusão, da tristeza, do desprazer, do descontentamento. Foram esses os sentimentos que marcaram as narrativas dos professores nas entrevistas ao levantarem às razões geradoras de gratificação ou de decepção com o magistério.

Como o motivo de *Encanto* com a profissão está diretamente associado ao *Aluno*, ele porta uma valoração em termos de prazer agregado ao trabalho, um aspecto atrelado à autorrealização profissional, quer seja pela dimensão relacional, quer seja em relação ao bom desempenho, ao rendimento escolar do aluno. Logo, um aspecto intrínseco à atividade docente.

Tendo em vista que, o trabalho docente se insere como uma atividade humana, que exige a interação entre os sujeitos, cujo aluno é o principal interlocutor da prática pedagógica, para o professor justifica-se ser ele a razão substancial de gratificação e enlevo com a profissão.

As pesquisas apontam que a satisfação profissional do professor tem um caráter simbólico e, essencialmente, subjetivo. O professor atribui valor e significado à sua prática a partir de alguns elementos motivadores como: o envolvimento e desempenho

---

<sup>3</sup> In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3. ed., Curitiba, PR: Positivo, 2004.



com/no trabalho, o contentamento com a atividade e com o “produto” da mesma, ou seja, a aprendizagem do aluno, dentre outros aspectos motivacionais. Esses elementos de contentamento mobilizam os professores a manifestar sentimentos de valoração em relação à profissão e às condições efetivas da atividade realizada.

A investigação realizada por Penin (1985), com professores dos anos iniciais do ensino fundamental, antigo 1º grau, da rede municipal paulistana acerca dos elementos de satisfação e insatisfação com o magistério, evidenciou que os principais motivos de satisfação são: “perceber o produto do próprio trabalho”, ou seja, a eficácia do trabalho a partir do bom rendimento do aluno; o “trabalhar com gente”, relacionado às relações interpessoais e aos afetos em relação aos alunos; e, também, o “bom relacionamento no ambiente de trabalho”, a relação entre pares. Em relação às insatisfações pautavam-se, fundamentalmente, em relação ao salário, no baixo aproveitamento dos alunos, e no trabalho burocrático do sistema de ensino.

Há, ainda, a pesquisa de Pedro (2011), com professores do ensino secundário em Portugal, que revelou como aspectos de satisfação com o magistério as relações interpessoais com alunos e pares, e de insatisfação questões relacionadas à carreira ou ao sistema educativo, sobretudo, em relação à perda de prestígio da profissão.

Nestas duas investigações os motivos de satisfação estão relacionados à dimensão relacional da atividade docente e ao rendimento satisfatório do aluno, ou seja, a percepção do produto de seu trabalho. Elementos que ratificam, assim, os achados deste estudo.

A ênfase na relação de afeto e parceira com os alunos é marcante na fala dos professores. Todos evidenciaram o fato de gostar de trabalhar com alunos adolescentes, faixa etária do ensino médio, e da boa relação que mantêm com eles. A dimensão relacional está na base da atividade docente, uma profissão que se constrói com e através do outro (DUBET, 2002), nos diálogos, aprendizagens e interações.

Para Lang (2009), as práticas profissionais estão estreitamente ligadas às condições reais de exercício. A relação com os alunos, em todas as idades da carreira, é dos elementos essenciais de satisfação profissional. Esse aspecto marca a vida profissional dos professores, é resultado da excelência de suas aulas e do *savoir-faire*, como eles próprios afirmaram. Para Nóvoa (2009: 229), “o trabalho docente depende da “colaboração” do aluno”. A realização profissional está submetida a essa parceria e ao aprendizado dos alunos.

Os professores ratificam a afirmação deste autor:

O que mais me gratifica na profissão é a realização, a conquista do aluno é o que me gratifica. O que me realiza é a realização do aluno, o aluno ser aprovado num concurso, conseguir um bom emprego, é isso que me realiza. (Francisco)

Foi o desejo pelo ensino, pelo aprendizado do ensino. Você se realiza profissionalmente fazendo aquele tipo de atividade, vendo o aluno crescer. Você passar por várias atividades junto com ele e ver o seu desenvolvimento, crescer junto com ele, aprender junto com ele e desenvolver o seu trabalho, foi por isso que me mantive no magistério. (Renato)

10

Levando em conta que, o professor tem uma relação dialética com o processo de ensino-aprendizagem, o bom desempenho do aluno reflete, na verdade, a sua prática, e evidencia que o sucesso do ensino está relacionado ao resultado da aprendizagem.

O sucesso do aluno se estrutura como gratificação subjetiva pelo trabalho realizado, um valor agregado à profissão docente. A avaliação do desempenho do aluno sobrepõe, nesta perspectiva, outros aspectos de caráter mais individual e autorreferente ou social, como o sucesso na carreira, as conquistas profissionais, as promoções relacionadas ao plano de carreira, os saberes construídos, o prestígio profissional, etc. Aspectos relacionados ao valor individual e social do trabalho.

O professor é definido como um profissional que promove a instrução, a socialização e o desenvolvimento de outrem (FORMOSINHO, 2009). Partindo desta concepção, a aprendizagem do aluno, a aprovação em concursos, o ingresso em universidades de prestígio, é motivo de satisfação profissional, pois reflete o resultado da ação docente, especialmente no ensino médio, que se configura como uma etapa final da educação básica, que tem como consagração final o ingresso do aluno no mundo do trabalho ou a aprovação em instituições de educação superior.

Considerando que, o professor tem uma relação dialética com o processo de ensino-aprendizagem, o bom desempenho do aluno reflete, na verdade, a sua prática, e evidencia que o sucesso do ensino está relacionado ao resultado da aprendizagem.

Em relação aos *Desencantos* com a profissão relatados pelos sujeitos da pesquisa, dois elementos foram evidenciados: as políticas públicas para a educação expressas em alguns governos, dentre eles o atual governo<sup>4</sup> do estado do Rio de Janeiro, incluindo nesta perspectiva, a organização da escolaridade em ciclos implantada na rede municipal de

---

<sup>4</sup> Luiz Fernando Pezão foi eleito Governador do Estado do Rio de Janeiro, em segundo turno, nas eleições de 2014.

ensino e a, conseqüente, aprovação automática do aluno, que gerou um *déficit* de aprendizagem, segundo alguns professores, na aquisição de conteúdos necessários ao ingresso no ensino médio; e a insatisfação com o salário.

A pesquisa de Lapo e Bueno (2003) também evidenciou que, os motivos de insatisfação e abandono do magistério na rede estadual de ensino paulistana, que desencadearam afastamento e exoneração dos professores, estavam relacionados, sobretudo, ao modo com se organiza o sistema educacional, mais especificamente, a escola como instituição pública de prestação de serviços, e à insatisfação com os salários.

Como evidenciaram as pesquisas mencionadas, os motivos de insatisfação profissional têm, geralmente, um caráter mais objetivo e estão atreladas às condições efetivas de trabalho, físicas, estruturais, salariais. Em termos subjetivos podem estar relacionadas, também, ao valor do trabalho, ao prestígio, à valorização profissional, enfim, ao *status* social da profissão.

Verifica-se que, em termos de satisfação profissional do professor, todas as pesquisas colocam no centro do debate questões relacionadas ao aluno, seja no que tange à dimensão relacional ou ao rendimento escolar. Enquanto que, os elementos de insatisfação consideram aspectos extrínsecos à atividade docente propriamente dita.

O que eu lamento muito é ver nesses trinta anos de magistério essa ideia de política pública com relação à educação. Lamento por não existir uma política pública pró-ativa. Existe uma política pública de não valorização, muito discurso, mas efetivamente nada acontece para valorizar o professor. (Rafael)

Eu acredito que, o nosso país até agora não tratou a educação com a responsabilidade que deveria tratar, não só aqui no Rio de Janeiro, mas de um modo geral. A gente de Geografia sabe disso, outros países bem mais pobres do que o Brasil conseguiram alcançar níveis que nós não conseguimos, né? Então, ao longo desses anos, eu tenho mais de vinte anos numa rede e na outra, não vejo melhora nas políticas educacionais. (Helena)

A falta de investimento e de políticas públicas de valorização do magistério é evidenciada por esses professores, que embora tenham permanecido na rede, enfatizam períodos de extrema adversidade e situam o atual governo como um dos que investiram pouco em educação e na valorização do professor.

Alguns professores são bastante críticos em relação ao salário, principalmente porque ao se aposentarem não será incorporado aos salários as bonificações, e perderão alguns benefícios como, vale-transporte, auxílio-qualificação e auxílio refeição.

A questão salarial se tornou pertinente em virtude de ter sido elencada como motivo de *desencanto* por alguns professores, insatisfeitos com os salários recebidos, principalmente em virtude da defasagem salarial, como enfatizou o professor *Luiz*.

Se eu fosse pegar só a rede pública, a minha qualidade de vida baixaria, eu também trabalho na rede privada. Então, na rede privada, eu tenho um salário razoável, mas no estado, se a gente for comparar com o salário da rede privada, claro que eu estou no nível nove (9), a maioria das escolas privadas não paga o que um professor nível nove (9) do estado recebe. Mas, para você ter uma boa qualidade de vida, eu acredito que o nosso salário esteja defasado em 50%, 60%, se você tivesse 50%, 60% recuperado, acredito que estaríamos vivendo de uma forma mais digna do que a gente vive atualmente. (Luiz)

12

A insatisfação com o salário também foi evidenciada por Fleuri (2015), no relatório sobre Perfil Profissional Docente no Brasil, visto que, 87 % dos professores brasileiros estão insatisfeitos com a remuneração recebida, por ser incompatível com a complexidade do trabalho realizado.

Segundo Vicentini e Lugli (2009), a insatisfação dos docentes com a remuneração recebida é histórica. Em distintos períodos os professores mostraram indignação com o salário recebido, o que vem desencadeando, há algumas décadas, a reduzida adesão à profissão docente e a baixa atratividade aos cursos de formação de professores (GATTI, 2014; ALVES e SILVA, 2013). É preciso considerar que, a remuneração pelo exercício do magistério expressa, historicamente, o valor da docência, inclusive, em termos de reconhecimento simbólico (IÓRIO, 2015).

### **O ciclo da vida profissional dos professores**

Com o objetivo de delimitar a fase em que se encontram os sujeitos da pesquisa recorri aos *Ciclos de Vida Profissional dos Professores* (HUBERMAN, 1992), que define esse ciclo final da carreira como um período de *Desinvestimento*. No entanto, as análises evidenciaram que, pelo fato dos professores possuírem tempos de magistério distintos, ingressarem no magistério em diferentes momentos da vida, alguns já aposentados de outras profissões, vivenciam, nesta fase da carreira docente, um estágio do ciclo da vida profissional díspar.

Ao longo da carreira, o professor experimenta várias fases, períodos que não são lineares, tampouco podem ser restritos a um recorte temporal. Huberman (1982) define essas fases como o Ciclo de Vida Profissional dos Professores, que se inicia com o ingresso na profissão e termina com o final da carreira docente. Considerando que, os

professores desta investigação ingressaram no magistério em diversos momentos da vida pessoal, alguns logo após a formação acadêmica, outros, entretanto, anos mais tarde, depois de vivenciarem outras experiências profissionais, o recorte etário utilizado por Huberman não se adéqua à faixa etária real de alguns destes docentes. Podemos evidenciar que estes ciclos profissionais são perpassados por períodos de continuidades e descontinuidades que atravessam a trajetória profissional.

**Augusto**, que possui dez anos de magistério, se encontra em duas fases distintas e complementares, *Serenidade e Distanciamento Afetivo*, e *Desinvestimento*, certamente estes sentimentos comuns ao final da carreira estejam evidentes na sua trajetória, em virtude da idade cronológica, de ter exercido durante muitos anos outra profissão, na qual já está aposentado.

A fase da *Diversificação* foi verificada em alguns professores. Inicialmente, destacarei as professoras **Lúcia** e **Antônia**, que embora tenham 69 e 67 anos de idade e mais de 40 anos de carreira, ainda conseguem apresentar em suas narrativas práticas criativas e dinâmicas inovadoras, embora também estejam no momento de *Desinvestimento*, injetando mais energia nos projetos pessoais, e, portanto, investindo menos na profissão docente. **Rafael**, também, está constantemente inovando e abusando da criatividade, embora tenha 33 anos de magistério. Assim como, o professor **Manoel**, com seus 60 anos de idade e 19 anos de exercício profissional. Na mesma fase, ainda se encontram o professor **Luiz** e a professora **Helena**, que diferentemente destes últimos, apresentam também elementos da fase *Serenidade*, estando, portanto, próximos à faixa etária descrita por Huberman, mas *sem o distanciamento afetivo*, mencionaram o bom relacionamento com os alunos, a preocupação e boa interação como os mesmos, que denominarei aqui *Aproximação Afetiva*.

Os professores **Francisco**, **Renato** e **Agostinho**, e as professoras **Janaina** e **Carmen** estão na fase *Serenidade*, mas mantendo a *Aproximação Afetiva*, portanto, seguros e confortáveis com a profissão.

Na fase do ciclo profissional denominada *Conservantismo e Lamentações* encontra-se, somente, a professora **Maria**, que além das queixas em relação aos alunos, também reclamou do sistema de ensino do Rio de Janeiro e das políticas educacionais, além do saudosismo do período em que trabalhou na rede pública paulistana. Se considerarmos, a faixa etária em que essa etapa se anuncia podemos afirmar que, o

momento da vida profissional dessa professora está em conformidade com a análise de Huberman (1982).

E, na etapa final da carreira, *Desinvestimento*, como o próprio nome presume, situam-se os professores com mais de 30 anos de magistério, *Antônia, Lúcia, Maria, Eduardo, Virgínia e Agostinho*, todos, efetivamente, identificaram o final do ciclo profissional na carreira docente. À exceção, com menos anos de magistério e a mais jovem de todo o grupo, fazendo parte desta fase, também, está *Carmen*, que está cansada e querendo viver mais a vida sem se preocupar com o trabalho.

As fases do Ciclo da Vida Profissional dos Professores, não só evidenciam os diferentes momentos que atravessam a trajetória docente ao longo da carreira, mas, também, podem/devem constituir-se em momentos de aprendizado, de aprimorar conhecimentos, de busca de formação continuada, enfim, de desenvolvimento profissional.

### **Os motivos de permanência**

Com o objetivo de responder à questão que norteou todo o percurso investigativo, e que, portanto, deu origem aos diferentes contornos que subscreveram a tese – *O que manteve os professores no magistério até a aposentadoria? Quais os motivos/razões de permanência na carreira docente?* – serão analisadas as motivações que foram marcantes nas narrativas de todos os protagonistas deste estudo e que, neste sentido, responderam à pergunta inicial. Os dois elementos, primordiais, que estimularam e incitaram os docentes a permanecer na profissão foram: a paixão pela disciplina e o prazer na/da relação com o aluno.

Os fundamentos da prática e da competência profissionais estão alicerçados, segundo Tardif (2002), nos saberes docentes. O saber docente, um saber plural, é composto por saberes de diferentes fontes, disciplinares, curriculares, profissionais (incluindo os das ciências da educação e da pedagogia) e experienciais. Acrescento, ainda, o *saber relacional*, uma aprendizagem necessária aos profissionais que trabalham com o outro (DUBET, 2002), um saber aprendido e construído na relação com o outro, mais uma competência necessária ao docente.

Os professores para além da competência técnica, do saber disciplinar e erudito (TARDIF, 2002), que lhes possibilita transmitir o conhecimento escolar – o conteúdo de

suas disciplinas –, também constroem laços afetivos, através de uma relação empática com os alunos, que os estimula em suas práticas e os incita ao aprendizado.

Portanto, as interações com os sujeitos educativos:

[...] exigem, portanto, dos professores, não um saber sobre um objeto de conhecimento, nem um saber sobre uma prática e destinado principalmente a objetivá-la, mas a capacidade de se comportarem como sujeitos, como atores e de serem pessoas em interação com pessoas. (*Ibid*: 50)

A dimensão relacional da atividade docente se articula ao próprio desenvolvimento profissional do professor. “A relação pedagógica se baseia sempre numa relação interpessoal e a própria eficácia e qualidade do ensino pressupõe um bom clima humano.”. (Formosinho, 2009: 113)

Considerando a perspectiva de Dubet (2002), o trabalho sobre o outro assume uma dimensão naturalmente relacional e, analisando o exercício docente destes professores, posso afirmar que a dimensão relacional da atividade docente se articula à competência pedagógica, ambas se completam. Esta capacidade de interagir com o outro, expressão da personalidade individual define, na realidade, o papel profissional docente.

Na concepção de Dubet (2002) e, também, de Tardif e Lessard (2005), é no trabalho sobre o outro que reside, em grande parte, a complexidade do trabalho docente. Nas profissões relacionais, que trabalham com o outro<sup>5</sup>, a existência de um “objeto humano” modifica, significativamente, a atividade do trabalhador, nesse caso o professor.

Para os docentes desta pesquisa, o prazer de se relacionar com o aluno é a motivação primordial de permanecer no magistério. Os professores amam se relacionar com os alunos, têm afinidades com o adolescente, constroem relações de parceria e amizade, embora haja a diferença geracional.

Talvez, projetem em seus alunos suas ambições juvenis, tal qual Narciso olha para o espelho e vê a sua própria imagem, o professor olha para o jovem e revive a sua própria juventude.

Quando eu os espero na porta (sala de aula), eu observo um por um, eu sei quem está com laço no cabelo, quem pintou o cabelo, e daqui a pouco eles sabem que eu vou chegar perto de cada um e vou dizer: gostei desse cabelo, você estava mais loira, não estava? O que aconteceu? Eles sabem que a professora nota tudo, que eu noto cada um deles. É gente, né? Você tem que lidar assim com as pessoas. Como você vai lidar com gente de outra maneira? Tem que prestar atenção no outro! É o respeito, é o carinho! A indiferença é a pior coisa! É a troca! (Lúcia)

---

<sup>5</sup> Considerando profissões relacionais as que têm como objeto de trabalho o ser humano: médicos, enfermeiros, assistentes sociais, dentre outras.

Foi fantástico! Os alunos foram os que menos me deram trabalho no magistério, com os alunos eu sempre me dei muito bem. Tenho uma relação muito boa com o aluno, sempre tive. Então, para mim foi fácil, tranquilo. Eu todo ano sou homenageado, todo ano eu sou homenageado porque eles gostam de mim como professor. Eles sentem empatia, professor é empatia. Muitos professores que fizeram todo o curso de licenciatura, eles nunca testaram a ligação, o que é dar aula. Dar aula é uma coisa fantástica! [...] Talvez a minha experiência de vida faça com que eu seja um professor diferenciado, devido à experiência que eu tive também em outras áreas, não é? Então, eles observam muito o professor, pela postura da pessoa, como pessoa, e eles passam a admirar o professor. Como a ligação que eles não têm com a família, ele tem ligação com o professor. Então, passa a ser um a referência. Eles procuram para conversar sobre o que é legal eles fazerem, eles estão acabando, não é? Eu só dou aula para a 3ª série. (Junior)

16

Um outro aspecto de permanência no magistério está associado ao domínio do conteúdo disciplinar e ao prazer de ensinar/falar sobre algo que lhes agrada, o amor/a paixão pela disciplina (OBIN, 2002). O saber disciplinar se articula ao *saber relacional* e nesse casamento se instala o sentimento de “*estar dando conta do recado*” (RAFAEL), como afirmou esse professor. Daí decorre, também, a construção da autoimagem professoral positiva. Essa percepção valorativa do magistério é marcada pela imagem que o professor constrói de si mesmo atrelada ao reconhecimento do seu valor pelos alunos e pelos gestores.

“*O prazer de falar do que eu gosto!*” (JUNIOR) é uma das razões de permanecer no magistério. Os professores amam as suas disciplinas e tem enorme prazer em falar deste conteúdo.

Essas frases ilustram a boa imagem que têm como professores e a paixão, a relação de amor (OBIN, 2002) com as suas disciplinas:

Eu adoro dar aula! Eu sou realizado com a profissão porque eu sei ensinar. Eu me vanglorio porque eu sou um bom professor de matemática. (Manoel)

Eu sempre fui uma professora muito boa, muito exigente. Eu sempre fui uma excelente professora e também muito exigente. (Maria)

Eu amo história! E achava que era a minha profissão, que seria essa. A História veio para a minha vida por influência desse professor de história. (Agostinho)

Na verdade, quando eu fiz o vestibular, eu gostava muito de matemática, eu queria mesmo ser professora. (Virgínia)

A sala de aula para esses docentes é portadora de uma mística, ao ingressarem nesse *locus* da prática vivenciam seu poder transmutador, que lhes assegura uma sensação



de bem-estar, tal qual experimentam os personagens do Sítio do Picapau Amarelo ao usar o *pó de pirlimpimpim* para se transportar de uma dimensão a outra, pelo poder mágico dessa substância. Assim como os personagens de Monteiro Lobato, esses professores ao atravessar o portal da sua sala de aula experimentam a magia deste espaço interativo, e transmitem com paixão um saber consolidado no exercício do magistério.

Como afirmou **Lúcia** em nossa entrevista, a aula lhe assegura esse bem-estar:

Eu gosto da minha matéria, eles (os alunos) sabem que eu gosto. Eu posso estar toda (...) – hoje eu não estou muito bem não, minha garganta não está legal, então vamos ficar pianinho todo mundo, vou passar só uma atividade, vamos só tirar as dúvidas –, mas não adianta, daqui a pouco eu já estou animada dando aula, já estou bem para caramba e já esqueci que eu estava doente, que estava com isso e aquilo.

17

Nesta perspectiva, o domínio do conteúdo, foi se constituindo ao longo da trajetória num saber docente que integra o repertório profissional dos professores. Todos esses saberes, independente da forma como são categorizados, têm que estar articulados às múltiplas dimensões do processo de ensino-aprendizagem.

Para Tardif (2002: 11):

O saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e com a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares, etc.

A paixão em falar sobre/do conteúdo de suas disciplinas promove uma alquimia na relação do professor com os alunos, no seu *locus* de trabalho, a sala de aula. Como sujeitos do conhecimento acadêmico, os professores, e sujeitos de aprendizagens, alunos e docentes, se desenvolvem e aprendem nessa caminhada.

O ensino da disciplina, na prática da sala de aula, tem um peso na decisão de permanência na carreira, em virtude de ser um dos elementos de prazer da profissão. O gosto pela disciplina promove, ainda, um encantamento no aluno.

Para Dubet (2002), o gosto pela disciplina, é inerente a arte de ensinar. O autor destaca que, esse sentimento é mais forte nos professores do ensino médio, do que nos professores dos anos iniciais.

### **À guisa da conclusão**

Existem certas características que distinguem esses professores, dentre elas, ter elegido a docência com profissão, encontrar mais satisfações do que insatisfações ao

longo da carreira, ter prazer em estar na sala de aula ensinando algo que conhecem e dominam – o conteúdo curricular da disciplina, ver o sentido da profissão na relação com o aluno, enfim, fatores que os fez/faz permanecer no magistério.

Certamente, esses elementos contribuíram para a construção da identidade profissional que foi, ao longo da carreira docente, consolidando a autoimagem professoral positiva. São professores que reconhecem a excelência de suas práticas, se percebem como excelentes professores, escolhem suas turmas, têm prestígio nos colégios onde lecionam, são homenageados pelos alunos nas festas de formatura, como paraninfo e se sentem prestigiados por isso.

A valorização profissional é percebida na esfera escolar, no ambiente de trabalho, pelos gestores, alunos e pares. Embora, essa valorização não lhes seja outorgada pela sociedade e pelas políticas públicas, como foi mencionado em relação aos desencantos com a profissão, a valorização do trabalho realizado é encontrada dentro das unidades escolares, gerando o sentimento de realização profissional.

É importante ressaltar, no entanto, que não há um único fator de satisfação profissional, vários elementos se articulam para dar a sensação de plenitude e bem-estar com a profissão, no cruzamento de inúmeras vivências ao longo da trajetória de cada professor, nos encontros da vida, com alunos e pares, nas experiências formadoras, nos distintos ambientes escolares, nos espaços de discussão e luta da categoria, enfim, na história da vida vão se delineando os motivos de permanência, tanto no âmbito objetivo como subjetivo.

Os docentes têm uma autoimagem professoral positiva e a maioria deles não percebe esse momento como final de carreira. Certamente, a certeza da escolha profissional, a boa relação com alunos e pares, a paixão pelo conteúdo de suas disciplinas moveram esses professores nos anos de ofício. A competência relacional e a formação são elementos fundamentais dessa trajetória, que para a maioria é bem sucedida. A aposentadoria encerra uma etapa da vida desses professores, mas definitivamente abre novos caminhos e novos espaços, quer seja na vida profissional ou pessoal.

Considerando, ainda, que, alguns desses professores construíram carreiras distintas ao magistério em sua trajetória. Todas as experiências profissionais foram formadoras, no sentido de agregar valores, experiências e estilos ao saber docente e ao

saber disciplinar (TARDIF, 2002). É um processo balizado por aprendizados sociais que se somam às personalidades e ao jeito de ser de cada docente.

A escolha do magistério como profissão e a permanência motivada pelos saberes construídos, em especial, pela paixão pela disciplina e o prazer na relação com o aluno foram determinantes na construção da profissionalidade docente.

Essas motivações para a permanência se constituíram como elementos de prazer, satisfação e bem-estar com a profissão.

A dimensão subjetiva da carreira, na concepção de Tardif (2002: 80): “remete ao fato de que os indivíduos dão sentido à sua vida profissional e se entregam a ela como atores cujas ações e projetos contribuem para definir e construir sua carreira.”

Embora, alguns estudos nacionais e internacionais sobre profissão e profissionalização docente tratem a profissão pelo viés da fragmentação (LANG, 2009), da intensificação (HARGREAVES, 1998; MAROY, 2006; OLIVEIRA & ASSUNÇÃO, 2009), do mal-estar docente (ESTEVE, 1995; LANTHEAUME, 2012), da proletarização (ENGUIITA, 2000) e precarização do trabalho docente (MARIN, 2010; CUNHA, 2010) e, ainda, considerem questões como, a desmotivação pessoal, os altos índices de absenteísmo e de abandono (LAPO e BUENO, 2003), a insatisfação e a indisposição (NÓVOA, 1995), os relatos dos professores deflagram outra realidade.

Apesar dos docentes manifestarem insatisfação com o salário recebido e com as políticas públicas que não oferecem melhores condições de trabalho, nem invistam em políticas de valorização do magistério, há, também, uma percepção bastante positiva sobre seu trabalho e seus alunos, sentem-se realizados com a profissão e atribuem todas as suas conquistas pessoais e profissionais ao magistério. Portanto, são professores que foram bem-sucedidos na carreira, contrariando os debates que se fundam mais nos aspectos de insatisfação e mal-estar docentes.

Os motivos de permanência estão inscritos na história pessoal e profissional construída ao longo da carreira. Em cada ano de magistério, em cada vivência do ciclo da vida profissional, etapas foram sendo vencidas, o professor foi amadurecendo o desejo de permanecer na profissão. Todas as experiências se constituíram em aprendizados existenciais.

Na vida e na profissão ensinamos e aprendemos. Esse ciclo permanente de aprendizagens, que se inicia, ainda, nos bancos escolares, permanece ao longo da existência. É na singularidade de cada percurso que está o sentido do Magistério!

É necessário destacar que, desde dezembro de 2015, o estado do Rio de Janeiro está atravessando uma forte crise, que está impactando entre outros segmentos sociais o da educação, repercutindo em greve dos servidores estaduais do magistério; ocupação de inúmeras escolas estaduais pelos alunos que apóiam a greve dos professores e reivindicam melhores condições físicas, estruturais e educacionais; atraso no pagamento dos servidores estaduais, inclusive com alteração do vencimento para o 10º dia útil do mês; não pagamento a aposentados e pensionistas. Certamente, se as entrevistas fossem realizadas neste momento, a situação em que se encontra a educação impactaria as análises desta investigação e a percepção dos professores em relação à satisfação profissional e estabilidade com o serviço público.

### Referências Bibliográficas

- ALVES, Thiago; SILVA, Rejane M. da.. Estratificação das oportunidades educacionais no Brasil: contextos e desafios para a oferta de ensino em condições de qualidade para todos. *Educação e Sociedade*, Campinas: Cedes, v. 34, n. 124, p. 851-879, 2013.
- DUBET, François. **Le Déclin de L'Institution**. Paris: Édition du Seuil, 2002.
- FLEURI, Reinaldo M.. **Perfil Profissional Docente no Brasil: metodologias e categorias de pesquisa**. Brasília, DF: INEP/MEC, 2015.
- FORMOSINHO, João (Coord.). **Formação de Professores: aprendizagem profissional e acção docente**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2009.
- GATTI, Bernardete A.. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 11 nov. 2014.
- \_\_\_\_\_. O que se percebe é que a questão da docência é sempre relegada como se fosse algo menor. *Cadernos CENPEC*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 248-275, dez. 2014.
- HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de Professores**. Portugal, Porto: Porto Editora, 1992.
- IÓRIO, Angela C. F.. Profissão docente: continuidades e regularidades na história desse ofício. *Revista Educação Online*, n. 18, p. 45-57, jan./mai. 2015.
- LANG, Vincent.. A profissão de professor na França: permanência e fragmentação. In: TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. **O Ofício do Professor: História, perspectivas e desafios internacionais**. 3. ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 152-168.
- LAPO, Flavinês R. e BUENO, Belmira O.. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, p. 65-88, mar. 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16830.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2015.
- NÓVOA, António. Os professores e o “novo” espaço público da educação. In: TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. **O Ofício do Professor: História, perspectivas e desafios internacionais**. 3. ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 217-233.

OBIN, Jean-Pierre (Org.). Enseigner, un métier pour demain: mission de réflexion sur le métier d'enseignant. Rapport au Ministre de l'Éducation Nationale, Paris, Mars, 2002. Disponível em: <<http://media.education.gouv.fr/file/42/0/4420.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

PEDRO, Neuza. Auto-eficácia e satisfação profissional dos professores: colocando os construtos em relação num grupo de professores do ensino básico e secundário em Portugal. *Revista de Educação*, n. 1, v. XVIII, p. 23-47, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5294/1/Auto-efic%C3%A1cia.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

PENIN, Sonia T. de S.. A questão pública da satisfação/insatisfação do trabalho no professor. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, n. 11, v. 1/2, p. 149-172, jan./dez. 1985.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. **O Trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.

VICENTINI, Paula P. e LUGLI, Rosario G.. **História da profissão docente no Brasil**: representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.